

HARRY POTTER E O RETORNO DA LÍNGUA LATINA

Celso Kallarrari (UNEB)
celsokallarrari@terra.com.br

**“Na linguagem de um mendigo vagabundo
há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo
o mundo expressional de um Shakespeare”**

(Vossler).

RESUMO

Pretendemos, nesse artigo, a partir da identificação da presença de palavras latinas na literatura de J. K. Rowling acerca da saga de *Harry Potter*, de modo especial, o segundo livro *Harry Potter e a Câmara Secreta*, analisar, morfossintaticamente, como se processam os neologismos literários latinos, na tessitura textual da autora J. K. Rowling. Para tanto, faremos uso deste *corpus* literário, aqui proposto, cujo foco são os neologismos e servir-nos-emos, teoricamente, da estilística (MARTINS, 2000), da teoria lexical (BASÍLIO, 2003), neologismos literários (VALENTE, 2002) e da morfossintaxe (FURLAN, 2006), a fim de explicarmos os fenômenos morfossintáticos e neológicos dos vocábulos latinos, bem como seu significado contextual, a sua carga semântica e a maneira como eles são apresentados nos enunciados.

Palavras-chave: Termos latinos. Expressões latinas. Neologismos. Morfossintaxe.

1. Introdução

Sabemos, de antemão, que o latim é uma língua milenar e que surgiu, a partir das necessidades, da praticidade do utilitarismo na fala de pessoas simples, dando origem, *a posteriori*, a outras línguas chamadas de línguas românicas. No entanto, apesar de o inglês não ser uma língua derivada do latim, este contribuiu, significativamente, no período de extensão máxima do Império Romano, com termos e expressões latinas deixados nas línguas germânicas, inclusive no inglês, idioma da literatura por nós a ser analisada. Nesse período, por circunstâncias favoráveis, onde a literatura latina estava em evidência, muitas palavras foram adaptadas do latim e adotadas por outras línguas modernas não latinas, a exemplo do inglês, uma vez que o latim havia se tornado uma língua franca milenar do mundo ocidental e, nos séculos XVII ao XIX, como língua científica, a partir de neologismos científicos que pudessem atender as reais necessidades de um mundo que se apresentava como moderno.

Atualmente, percebemos que, além da literatura das línguas ro-

mânicas, a literatura inglesa e norte-americana é campo fértil, onde se torna possível identificar a presença de termos e expressões latinas. Isso se deve porque, desde o século XX, período propício para inovações em muitos campos dos saberes, o vocabulário também passou, por conta das mudanças circunstanciais, a abarcar uma série de inovações refletindo uma nova época. No Brasil, a Semana da Arte Moderna pode evidenciar uma maior liberdade de criação e de produção de novos vocábulos (neologismos literários) bastante frequentes no universo da literatura e da arte em geral, principalmente porque ela (a literatura) sempre se mostrou inconformada e desobediente no que diz respeito às normas e regras. Por essa razão, os neologismos ou novos vocábulos se limitam às obras de seus criadores e, eventualmente, à de seus discípulos, constituindo-se uma marca tipicamente de época na história da língua literária. Nesse sentido, nossa intenção, neste artigo, é identificar e analisar os neologismos literários latinos presentes no livro *Harry Potter e a Câmara Secreta*, da autora J. K. Rowling, a partir da morfossintaxe, bem como seu significado contextual, a sua carga semântica e a maneira como eles são apresentados nos enunciados. Ou seja, são neologismos latinos da criação literária ou neologismos (latinismos) autênticos do léxico latino?

2. O léxico: unidade básica para a criação de novas palavras

Na definição de Birdeman (2001), léxico é um sistema aberto e em expansão. Incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico. De acordo com esta autora, só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte da língua. Nesse sentido, foi o que sucedeu ao latim. Por outro lado, se a língua, porém, continuar a existir como meio de comunicação oral (e também escrito), seu léxico se ampliará sempre. Por essa razão, não se poderá censurar em demasia os lexicógrafos se os seus dicionários não registrarem todos os vocábulos e significados que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexequível (p. 203).

Segundo Basílio (2003), “o léxico é um banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados” (p. 9). Na visão dessa autora, o léxico categoriza os elementos utilizados na comunicação, as palavras, as quais se relacionam para a construção de enunciados mais complexos. Desse modo, o léxico, enquanto saber partilhado pelos falantes de uma língua, se define como um conjunto de palavras

que utilizamos para expressar nossas necessidades, nossas relações, nossas interações com as pessoas as quais interagimos. Esta autora, ao se referir acerca do processo de criação de novas palavras, apresenta duas possibilidades, quais sejam: a noção de léxico externo e mental. O primeiro termo relaciona-se às palavras já consagradas pelo uso e, por isso, dicionarizadas. O segundo relaciona-se a um sistema preexistente, isto é, uma série de entradas lexicais que permite ao usuário criar novas palavras. Com efeito, no processo criativo vocabular, toda vez que utilizamos de palavras já existentes ou pedaços de palavras a fim de formar outras, fazemos uma reciclagem, ou seja, utilizamo-nos de material linguístico preexistente na língua.

De acordo com Bechara (2001), a criação de novas palavras ou neologismos busca “atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral”. Para este autor, a criação de palavras ou neologismos, propriamente ditos, vem ao encontro dessas necessidades renovadoras, comunicativas, uma vez que

penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua (p. 351),

uma vez que a língua como fato social tem sua existência fundada nas necessidades de comunicação.

Sob o ponto de vista de Bakhtin (2004), independentemente do fato de a língua apresentar um sistema aparentemente “fechado”, composto de normas fixas, as novas palavras são criadas porque o falante nativo reconhece a palavra não como um elemento do dicionário, mas dentro de um determinado contexto discursivo, principalmente porque os “conceitos mudam com o tempo, e as palavras se revestem de um *status* bastante elevado, cujo valor exemplar e representatividade como fenômeno ideológico” unem-se “à excepcional nitidez de sua estrutura semiótica” (p. 95). Com efeito, as palavras são carregadas de um conteúdo ou sentido vivencial capazes de pronunciar “verdades” ou “mentiras”, coisas boas ou más, uma vez que elas buscam, em todos os tempos, validar determinadas ideologias.

Por outro lado, torna-se necessário distinguir, pois, os dois processos de criação neológica. O primeiro é a formação analógica cujos processos seguem a regularidade da língua, enquanto que o segundo, montagem livre, está amparado nas matrizes vernaculares ou não da lín-

gua. Entretanto, o neologismo literário difere profundamente do neologismo da língua porque é muito comum, nos neologismos autorais (neologismos literários), a “sua circunscrição ao texto no qual e para o qual foram gerados” (PINTO, 1989, p. 30).

3. Neologismo lexicais: criações literárias

Em se tratando de neologismos literários, apesar de serem duramente criticados por puristas de nossa língua, uma vez que são considerados “nocivos”, “inventados” e “artificiais”, eles, num primeiro momento, apresentavam-se, nos escritos de autores como Gonçalves Dias, José de Alencar, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, entre outros, como uma forma de transgredir o purismo. Ao longo do século XX, de modo especial, a partir do movimento do modernismo é que, de fato, os neologismos literários, segundo Pimentel (1989), ganham estatuto escrito, ainda que “sob a indiferença crescente dos gramáticos que acabam remetendo o assunto para os manuais de estilística” (p. 30). Na atual conjuntura, cujo contexto sociocultural recebe diferentes denominações, quer seja modernidade líquida (BAUMAN, 2001), pós-modernidade (LYOTARD, 1998) ou ainda modernidade reflexiva (GIDDENS, 1997), as mudanças são maiores porque, nessa era globalizada, que acelera mais e mais nossas vidas e nelas imprime um ritmo diferente, o advento das novas tecnologias, de modo especial da *Internet*, trouxe grandes avanços na área da comunicação (jornalismo, publicidade, música etc.) da qual a literatura faz uso.

Diante desse contexto, os neologismos literários – tidos como palavras transitórias e, por isso, não restritas à literatura apenas, mas aos diversos meios da imprensa escrita –, são apresentados como vocábulos criados por conta das relações estabelecidas intralinguísticas circunscritas ao propósito do texto. Por essa razão, o neologismo literário difere profundamente do neologismo na língua porque este último é forjado na intenção de exprimir um referente ou significado novo, dependendo, exclusivamente, da relação entre palavras e coisas, isto é, de fatores não linguísticos. De acordo com Refaterre,

O neologismo literário, ao contrário, é sempre captado como uma anomalia e utilizado em virtude dessa anomalia, às vezes até independentemente de seu sentido. Ele não pode deixar de chamar a atenção porque é captado em contraste com seu contexto e porque seu emprego, assim como seu efeito, dependem de relações que se situam inteiramente na linguagem (*Apud* VALENTE, 2002, p. 163).

A busca pelo estrangeirismo como recurso estilístico é considerado como exotismo, isto é, a busca pela “cor local”, de originalidade ou expressividade que permitam ensejar a utilização de palavras estrangeiras, configurando um caso de xenismo, sinônimo de estrangeirismo. Este termo relaciona-se a nomes próprios de pessoas, lugares, rios e cidades e, geralmente, apresenta-se como um desejo consciente de remissão a outra realidade e, por isso, conservam sua grafia originária e, na maioria das vezes, são escritos, expressivamente, em negritos ou itálicos, como geralmente ocorre com os latinismos presentes nas diversas línguas.

A literatura, ao contemplar o léxico da língua latina, busca retomar ou “fazer reviver” uma língua que assumiu, por conta da sua abrangência, o *status* de língua universal, capaz de traduzir o significado e experiências das diversas áreas do campo do saber como um veículo de cultura de todo o Império Romano, compreendendo as regiões dos antigos continentes, à época conhecidos, tais como: Europa, Ásia e África, desde a Bretanha a Cartago (Tunis atual) até o Ponto Euxino (Mar Negro). Além disso, a literatura latina deixou enormes contribuições ao mundo ocidental, desde a criação literária (prosa e poesia), até os mais diversos campos do conhecimento, a exemplo da historiografia, da literatura, filosofia e ciências de modo geral. Para nós, o latim não morreu totalmente porque, ainda, sobrevive nas suas línguas-filhas românicas e representa a cultura do mundo ocidental, expressa por uma língua que, assim como o alfabeto latino, fora expandida por toda a Europa. O latim é ainda estudado, na maioria dos países desenvolvidos, principalmente na Inglaterra e Estados Unidos, países que o conservam em sua própria cultura e sociedade, uma vez que não é para ser falado que o latim é estudado, mas para o desenvolvimento do intelecto no sentido de tornar o aluno mais observador, mais crítico-analista, ponderado, qualidades imprescindíveis ao pesquisador moderno.

Conforme salienta Oliveira (2001), com o processo de romanização e latinização, o latim se caracterizava como vários latins, principalmente porque ele se “disseminou através dos colonizadores romanos em vários séculos sucessivos” (p. 11), corroborando para que cada região recebesse um latim heterogêneo, resultando, finalmente, na variedade das línguas latinas. Entretanto, segundo Leite de Vasconcelos e, na mesma linha de pensamento, Meillet, Max Mueller, Gabelentz, Bourciez, Gaston Paris, entre outros, a língua latina, assim como qualquer língua, não é um organismo vivo e, por isso, não pode morrer, diferentemente como os cientistas dos séculos XVIII e XIX, influenciados pela teoria de Darwin,

acreditavam. Desse modo,

Uma língua não é morta, porque, não tendo vida, não poderia morrer. Dizer também que, dentro do conceito de língua viva, língua morta para o latim é outro absurdo, pois as línguas latinas são a continuação do latim. [...] Afir-mar, portanto, que o português veio do latim, assim como as demais línguas latinas, é de certo modo incorreto. Na verdade, essas línguas são o latim atual (OLIVEIRA, 2001, p. 11).

que, no mundo globalizado, encontra-se presente, redefinindo-se e dando sinais de vida, na Internet, como a mais nova língua do *Google Translate*, na Igreja Católica, que cria novos vocábulos para termos atuais, e, na literatura, de modo especial, na série *Harry Potter*, que busca, na criação de novas palavras, dar um ar de mistério aos feitiços do bruxo.

4. Neologismos latinos na literatura britânica

Em se tratando do latim, enquanto língua universal das ciências de modo geral, ocupa, no mundo ocidental, apesar de que, na atualidade, seu sistema lexical esteja cristalizado, isto é, sem um grupo de falante que possa aprimorá-lo. O latim é um idioma de prestígio, presente, em forma de estrangeirismo, na maioria das línguas românicas (italiano, francês, espanhol, português, romeno, catalão, rético e outros dialetos regionais) e também nas de origem anglo-saxônicas, a exemplo do Inglês e alemão. Em se tratando, de modo especial da língua inglesa, e, apesar dela não ser uma língua derivada do latim, aquela fora influenciada, em seu processo de formação, por inúmeras palavras latinas, uma vez que, no período do Império Romano, metade do território da Britânia fora romanizada. Na verdade, o latim influenciou, de maneira direta, a língua da Grã-Bretanha durante três séculos e meio, apesar de que, conforme nos saliente Bruniera, a marca mais evidente na língua inglesa fora estabelecida na invasão dos povos germânicos. Todavia, o latim teve um lugar de destaque na composição da língua inglesa e, antagonicamente, os próprios germânicos também foram responsáveis pela introdução de vocabulário latino na cultura britânica, pois

As marcas de origem latina são identificadas em cada frase do inglês. Isso nos faz pensar que a influência romana se deu em todo o território bretão e que a língua latina foi imposta aos povos que tiveram suas terras invadidas. No entanto, não é verdade. Só nas cidades o processo de latinização foi mais evidente. [...] É muito provável que esse investimento na vida cidadina tenha marcado a cultura bretã na época e tenha deixado seus efeitos na língua. Também vale ressaltar que os maiores difusores de palavras latinas foram os anglo-saxões, povos germânicos que desembarcaram na Grã-Bretanha em 449,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

aproximadamente 40 anos depois de os romanos se retirarem. Os anglo-saxões tinham tido contato com os romanos ainda no continente e foram responsáveis pela introdução de vocabulário latino no inglês (BRUNIERA, 2013, p. 1).

Desse modo, algumas palavras, originalmente latinas, podem ser vista atualmente no vocabulário inglês, a exemplo de "*cup*" (taça), do latim "*cuppa*" (tonel), de "*kitchen*" (cozinha), do latim "*coquina*" (cozinha), de "*pillow*" (almofada), do latim "*pulvinus*" (travesseiro), de "*wall*" (parede), do latim "*vallum*" (paliçada) entre outros.

No século VI, com o processo de cristianização, o inglês adquiriu novos termos latinos, principalmente porque, nesse período, passou-se a construção de mosteiro que, conseqüentemente, passou a enviar missionários para a Escócia. Mais tarde, quando havia se transformado em mosteiro de Cantuária, recebeu o monge Agostinho, professor de língua latina, tornado a Inglaterra um dos maiores centros eruditos da Europa. Nessa época, o ensino dos mosteiros eram, determinadamente, na língua latina, surgindo termos relativos à vida religiosa evidenciados na língua inglesa até os dias atuais, a exemplo de "*bishop*" (bispo), "*pope*" (Papa), "*monk*" (monge), entre outros.

A literatura latina (prosa e verso) influenciou não tão somente as línguas românicas, mas deixou enormes contribuições também nas outras línguas, e exemplo do alemão e do inglês. A literatura em prosa latina, caracteristicamente, técnica, compreende vasto acervo da história, filosofia, direito, política e retórica. A literatura em verso latina, (lírica, épica, satírica, dramática, didática), que, a princípio, fora inspirada nos ideais estéticos e gêneros literários dos gregos,

produziu, sobretudo em seu período áureo, acervo considerável de obras de valor perene e universal, em todos os seus gêneros, como atestam os nomes de Plauto, Terêncio e Sêneca, Catulo e Lucrécio, Horácio, Ovídio, Tribulo e Porpécio, Juvenal e Marcial, que muito influenciaram os clássicos modernos (...) (FURLAN, 2006, p. 253-254).

Na maioria dos países ocidentais, cuja língua é, marcadamente, oriunda do latim, identificamos a sua presença na imprensa, nas campanhas publicitárias, nas marcas de produtos e veículos, nos nomes de lojas, entre outros. Percebemos, nesses países, o emprego do estrangeirismo, tanto do inglês quanto do latim, como recursos estilísticos bastante utilizados pela pelos veículos de comunicação. Na literatura quanto na imprensa de modo geral, o emprego apelativo de unidades lexicais estrangeiras constitui um recurso estilístico utilizado no propósito de que o leitor tenha uma ideia daquilo que está sendo evocado e designado. Al-

guns autores (ALVES, 2004; MARTINS, 2000) justificam que é comum o uso de palavras e expressões estrangeiras na literatura ou nos meios impressos porque elas são, sonoricamente, mais apreciadas que as da língua vernácula, reforçando a ideia do prestígio como principal fator motivador para o uso de palavras estrangeiras, característica presente nas sociedades modernas dos mais diversos países. E, nesse caso, por conta do seu *status* de língua universal da Medicina, do Direito, da Botânica, da Zoologia *etc.*, advindo do contexto histórico do Império Romano cuja dominação subjugou, linguística e geograficamente, toda a Europa, o latim é ainda considerado uma língua de atributos e valores.

Na maioria dos países da Europa, por exemplo, a língua latina, ao lado do inglês, faz parte do currículo escolar dos ensinos médio e superior, enquanto disciplina facultativa, permitindo com que os alunos escolham a disciplina que melhor lhe agrade, de modo que, nesse caso, o latim é uma disciplina muito requisitada. Com efeito, o seu estudo contribui para uma melhor compreensão das regras gramaticais, além dos termos de uso pragmático e, no nosso caso em questão, dos termos utilizados pela literatura contemporânea que faz uso do latim como um chamariz ou recurso de estilo.

Na produção textual dos livros de Harry Potter, de autoria de J. K. Rowling, mais especificamente no segundo livro (de uma série de sete livros) *Harry Potter e a Câmara Secreta*, por nós analisados, percebemos, constantemente, no decorrer da leitura, o uso de termos e expressões latinas como recurso estilístico que se apresenta como criações lexicais, cujas construções morfossintáticas tendem a sofrer alterações não obedecendo, *ipsis litteris*, as regras gramaticais e, apesar de estabelecer correlações a etimologia das palavras escolhidas vocábulos, os neologismos empregados pela autora tendem a servir e construir sentidos e significados tão somente ao contexto narrativo da obra em questão. De fato, ao recorrer às expressões latinas, a autora utiliza de neologismos capazes de atender uma necessidade ficcional da escrita, utilizando-se de neologismos literários cuja abrangência permite-nos perceber que, além dos termos latinos utilizados na tessitura textual dos romances em questão, há, por detrás do seu uso, da sua liberdade de criação, significados estabelecidos e adquiridos através do contexto situacional da narrativa.

5. Análise morfossintática de termos e expressões latinas

Nos dois livros analisados, percebemos, pois, o uso de vocábulos ou expressões latinos, ou seja, verbos, adjetivos ou substantivos, portadores de significação, formam um sistema de número aberto a subtrações e acréscimos, às vezes, formas soltas (morfemas: radical e afixos) e suas combinações nas sentenças (sintático), enquanto componentes da frase; ambos com seus respectivos sentidos e significados (semântica) contextuais. No segundo livro por nós analisado, pudemos identificar tanto vocábulos soltos (morfemas) quanto construções mais complexas (sintaxe). Por se tratar de magia/feitiço, alguns verbos são advérbios ou se apresentam no imperativo (*finite*, *obliviate*) e ainda como termos e construções substantivas, adjetivas e adverbiais, sem, todavia, obedecer, rigorosamente, às desinências e casos do latim clássico. Esses vocábulos e/ou expressões latinos foram elencados do livro, na seguinte ordem.

- a) (1) *oculus reparo*, (2) *finite incantatem*, (3) *peskipiksi pesternomi*, (4) *tarantallegra*, (5) *expelliarmus*, (6) *riktusempra*, (7) *serpensortia*, (8) *aparecium*, (9) *lumos*, (10) *obliviate* (HOWLING, 2000, p. 92-256).

Esses termos e expressões latinos contribuem para dar à série de sete livros um ar de mistério e de eruditismo. Nesse sentido, o feitiço exerce um poder e fascinação, pois há um misticismo presente nas construções latinas aprendidas cujo conteúdo um mago precisa adquirir. No primeiro enunciado, abaixo apresentado, identificado no segundo livro e nos dois primeiros filmes,

- (1) *oculus reparo*

(Conserto os óculos)

podemos perceber que o primeiro lexema “*oculus*”, cujo morfema nominal (desinência) é “*us*” corresponde ao caso nominativo (função: sujeito), da 2ª declinação, quando, gramaticalmente, deveria ser “*um*” ou “*os*” (função: objeto direto), acusativo singular ou plural da 2ª declinação, conforme o latim clássico. O segundo lexema verbal “*reparo*” (*reparare*) é um verbo conjugado na primeira pessoa do singular no Presente do Indicativo (tempo imperfectivo), uma vez que o morfema verbal (desinência) é “*o*” e, consequentemente, o sujeito está oculto “*ego*” (eu), pronome pessoal do caso reto.

Este enunciado (magia feita pela personagem Hermione) tem a função de reparar ou consertar os óculos de Harry Potter que, em deter-

minado momento, apresentam-se com defeitos, pois uma de suas lentes, havia se quebrado. Nesse sentido, o enunciado latino “*oculus reparo*”, ao invés de “*oculum reparo*” apresenta uma significação incoerente à gramática latina, embora apresente, semanticamente, um conteúdo com sentido, evidenciando a ação de consertar os óculos de *Harry Potter*. Por outro lado, em se tratando de feitiço, percebemos que, a rigor, o que deveria prevalecer seria a conjugação do verbo no imperativo “*reparare*” (imperativo), diferentemente do tempo verbal “*reparo*” (1ª pessoa do Presente do Indicativo), uma vez que a magia/feitiço, no intuito de realizar um feito, uma mudança ou transformação, utiliza-se, na maioria das vezes, da função apelativa (conativa), a partir do vaticínio da palavra, dando uma ordem. Daí o uso comum de advérbios e imperativos, conforme evidenciamos na sentença abaixo:

(2) *finite incantatem*

(Finalize o encanto)

Nesse enunciado, o lexema verbal “*Finite*” (*Finio, i, ire, ivi, finitum*) está conjugado no tempo verbal do imperativo, no sentido de acabar, terminar, pôr fim, cujo morfema verbal (desinência) corresponde a “e” e não “o” como na sentença (1). Diferentemente, da sentença anterior, qual seja “*Oculus reparo*”, onde o lexema verbal (*reparo*) está na primeira pessoa do Presente do Indicativo, na sentença “*Finite incantatem*”, o lexema (*finite*) pode ser definido como lexema adverbial ou como lexema verbal do tempo do imperativo, verbo mais apropriado ao latim clássico e, principalmente, porque, na literatura em questão, trata-se de uma ordem, tempo apropriado ao feitiço/magia. No lexema nominal “*Incantatem*”, (encantamento), o morfema “*em*” corresponde, gramaticalmente, ao caso acusativo (função: objeto direto) singular da 3ª declinação.

Na sentença abaixo,

(3) *peskipiksi pesternomi*

(?????????????)

podemos perceber que, a partir de uma análise lexical e sintática, os lexemas são criações neológicas com base nas desinências nominais (morfemas) latinas. Nesse caso, a autora busca termos tanto em vocábulos oriundos do inglês quanto do latim, a fim de criar ou recriar novas palavras, de modo que “*pesternomi*” poderia, hipoteticamente, proceder de *Pester* (do inglês: incomodar, importunar), termo este adquirido do adjetivo de 2ª classe latino (*pestifer, fera, ferum*; pernicioso, desastroso),

acrescido do morfema “*nomi*”. O primeiro vocábulo “*perskipiksi*”, cujo morfema nominal (desinência) “*i*” concorda com o segundo, trata-se de uma criação neológica, uma vez que a tradução *ipsis litteris* fica comprometida. Entretanto, não há uma tradução lógica para a sentença, principalmente porque não há correspondência direta com o latim clássico. Talvez porque a própria autora, conhecendo o latim, quis evidenciar, através desta construção, sem significado intrínseco, o não funcionamento do feitiço que o professor Gilderoy Lockhart tentou fazer e não conseguiu. Da mesma forma que o enunciado anterior, o termo

- (4) *tarantallegra*,
(?????????)

hipoteticamente, pode ter sido uma construção com base na palavra inglesa *tarantella* correspondente a uma dança italiana, principalmente porque, de acordo com o contexto da narrativa, o feitiço tem a função de fazer com que a pessoa atingida perca o controle sobre suas pernas e dance descontroladamente.

Os outros termos e expressões estão mais próximos do latim clássico, uma vez que se constroem a partir de um similar latino, a exemplo de

- (5) *expelliarmus*
(Arremessar a arma).

No lexema “*expelliarmus*”, há uma composição com dois lexemas (verbal e nominal) latinos *expellere* (*expello, is, ere, puli, pulsum*) + *armus* (arma). O lexema verbal *expellere* designa ao ato de expelir, expulsar, desterrar, repelir e, ainda, lançar, arremessar. O segundo lexema nominal “*armus*”, diferente do latim clássico (*arma, orum*), nome neutro da segunda declinação, usado somente no plural. Notamos, portanto, que o feitiço realiza a ação mágica de desarmar o oponente ou de arremessar a arma longe, dependendo do movimento feito com a varinha, pois, algumas vezes, a depender do contexto situacional, o feitiço também funciona com o poder de fazer alguém desmaiar.

O mesmo ocorre com a junção do segundo vocábulo:

- (6) *rictusempra*
(excesso de riso)

No lexema “*rictusempra*” (sentido no livro: excesso de riso), correspondente a junção do lexema *rictus* (boca) + *semper* (sempre), cujo significado difere do sentido original dos dois termos. No livro, levando em consideração o contexto situacional da narrativa, o feitiço provoca um excesso de riso na pessoa atingida. O lexema *rictus* apresenta morfema “*us*”, da 4ª declinação, enquanto que “*sempra*” apresenta-se como uma possível alteração do advérbio invariável *semper* do latim clássico.

E, ainda, o termo

(7) *serpensortia*

(escolher serpente)

encontra-se na terceira declinação e tem, de acordo com a narrativa, a finalidade de “escolher serpentes”. Trata-se, pois, também de uma junção de *serpens* + *sortior*. O primeiro *serpens* é um lexema nominal (nominativo singular da 3ª declinação) e o segundo *sortior* é um lexema verbal do verbo depoente⁶⁵ *sortiri* que significa tirar a sorte ou escolher. Além desses termos, os outros últimos feitiços são representados pelos lexemas verbais (8) *aparecium* (*apparere*: aparecer), (9) *lumos* (*lucere*: luzir, iluminar) e (10) *oblivate*, termo aproximativo de *oblivialis*, *e* (adjetivo: que produz esquecimento) se encontram bem mais próximos do latim clássico, indicando que a autora, a partir do conhecimento que tem do latim clássico, inovou-o, estabelecendo novas relações e significações ao contexto narrativo da obra.

6. Considerações finais

A partir do levantamento de termos e expressões latinos utilizados no livro *Harry Potter e a Câmara Secreta*, por nós analisados, de J. K. Rowling, percebemos que, na atualidade, o recurso ao latim, na criação de uma obra literária, está, diretamente, implicado, na erudição e na valorização do texto, isto é, no *status* que outra língua, às vezes estranha, não corriqueira e de não falantes, pode proporcionar à literatura contemporânea. Ademais, independentemente, se o recurso ao latim, no campo literário, busca obedecer às regras gramaticais normativas ou não, sabemos, de antemão, que o seu uso – seja através da criação de novos termos ou

⁶⁵ Verbos depoentes são verbos que têm a forma passiva, embora tenham significado ativo ou reflexivo.

recriação propriamente dita, na intenção de valorização do produto –, corrobora para uma retomada da língua latina porque, conforme a análise morfossintática, estabelece sentidos e significados intrínsecos ao universo literário. Por efeito disso, os termos e expressões latinas – presentes na literatura britânica da série de livros de *Harry Potter* de J. K. Rowling – apresentam-se como recursos estilísticos apreendidos de palavras já existentes na língua latina ou simplesmente análogas, mas que, no processo de criação, adquirem novas formas, novas roupagens, diferentemente das palavras dicionarizadas ou normalizadas gramaticalmente. Trata-se, pois, de criações neológicas, similares ao léxico ou construções sintáticas latinas, sem, todavia, ser fiel a ela, inovando sempre que é preciso, uma vez que a literatura, terreno fértil para a inovação, apresenta contextos e novas situações que possibilitam melhor a comunicação, a partir da livre expressão do pensamento.

Em síntese, nossa análise pode identificar que a criação de novos termos e expressões latinos, na literatura de *Harry Potter*, busca dar conta de contextos socioculturais emergentes da produção textual contemporânea, de novos conceitos, fatos, objetos, atribuídos por um determinado tempo e que são, naturalmente, forjados com pedaços de outras, não dicionarizadas. Essa situação permite ao autor (ou autores) moderno brincar com as palavras latinas já existentes e outras não existentes, produzindo, assim, a partir da analogia, neologismos literários, corroborando para que os leitores sejam capazes de se satisfazer hoje com o vocabulário, quase latino, de ontem. A nosso ver, a autora fez uso de termos e expressões latinos, atentando ao seu significado etimológico original, sem, todavia, prender-se à sua estrutura morfológica ou sintática da gramática normativa, apesar de obter certo conhecimento da língua latina. Com efeito, J. K. Rowling inovou, conscientemente, a partir das novas possibilidades de composição, justaposição, sem quaisquer preocupações com os morfemas derivacionais (declinações), sobretudo porque, na literatura em questão, a preocupação com os termos e expressões latinos está respaldada na sonoridade, na áurea mística e na estética dos vocábulos empregados, no propósito de melhor ambientar e caracterizar o enredo da narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina: curso único e completo*. 30. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. Editora Ática, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

BRUNIERA, Celina. *A influência do latim: o latim influenciou a língua inglesa*. Educação, pesquisa, escola. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/ingles/influencia-do-latim-latim-influenciou-lingua-inglesa.htm>>. Acesso em: 10-07-2013.

BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

NOVÍSSIMO dicionário latino-português. Etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico etc. Rio de Janeiro: Saraiva, 2000.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Antony; LASH, Scott. (Orgs.). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. Trad.: T. A. Queiroz. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

OLIVEIRA, Ernesto Ferreira de. As línguas românicas. *Akropolis*, Umuarama, v. 9, n. 1, jan./mar., 2001.

PINTO, Edith Pimentel. *História da língua portuguesa: VI – século XX*. São Paulo: Ática, 1989.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a câmara secreta*. Trad. Lia Wyler. Rio

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

STOCK, Leo. *Conjugação dos verbos latinos*. Trad.: António Moniz e Maria Celeste Moniz. Lisboa, Portugal: Presença, 2000.

VALENTE, André (Org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes, 2002.